

Mais veloz que a luz

A declaração de Ciro Gomes de que o presidente Fernando Henrique Cardoso "não rouba, mas deixa roubar", tem todo o jeito de ser daquelas coisas que a gente diz sem dar a dimensão exata às conseqüências que terão. Ciro quis de um lado reafirmar sua confiança na honradez do ex-companheiro de política e governo e, de outro, ressaltar o estilo leniente e algo omissos do presidente.

O problema é que foi fundo demais na clareza dos termos e acabou produzindo a acusação sem provas de que o presidente da República é cúmplice de roubalheira e corrupção. Ora, se perante a lei cumplicidade também é crime, Ciro Gomes acusou Fernando Henrique de criminoso.

E, obviamente, foi por isso que do Palácio do Planalto, no dia seguinte, saiu a reação um tom acima do habitual. Pelo jeito, tomou-se a decisão de fingir que a candidatura de Ciro não existe e evitar, com respostas tão fortes quanto a capacidade de ataque do candidato, que ele fique nadando sozinho no mar da sucessão presidencial.

Além de mandar seu porta-voz classificar de "leviano" o candidato do PPS à sua sucessão, Fernando Henrique ainda autorizou que se revolvessem pontos fracos do adversário e foi daí que ressurgiu a referência à obra do Canal do Trabalhador, obra eivada de suspeições, feita quando Ciro era governador do Ceará.

Aos que recorrem sempre ao óbvio e superado raciocínio de que a melhor tática em qualquer hipótese é o silêncio, vale lembrar que se FH deu assunto a Ciro, este teve de se ver às voltas com um assunto desconfortável. O que é, pelo menos incômodo, para quem nunca tem nenhuma de suas condutas administrativas contestadas.

Fernando Henrique em geral apanha sem recorrer a esse tipo de revide, mas, desta vez, considerou que Ciro Gomes ultrapassou a velocidade da luz, foi longe demais e inviabilizou qualquer possibilidade de aproximação com os partidos que hoje compõem a aliança governista, em especial com o PSDB. A partir de agora, tucano que simpatizar com Ciro estará necessariamente antagonizado com o governo.

Mesmo aquela graça produzida semana passada pelo ministro do Desenvolvimento Agrário, Raul Jungmann — lançando a idéia de uma chapa Ciro-Covas ou vice-versa —, hoje já não caíria nada bem. Ontem, o que se dizia naquela parte central do poder era que Jungmann se não reviu, deveria rever rapidamente sua proposta.

Num português muito preciso e absolutamente claro, o que se ouve na cercania mais próxima de Fernando Henrique é que o presidente considera que Ciro é como o MST: não tem jeito, não muda nunca, não sai do ataque por mais gestos que se façam.

E, a menos que o imponderável desminta a lógica, destrua vontades e reveja convicções, a situação está assim definida: Ciro não quer FH a seu lado, porque perde os votos do eleitor de oposição e Fernando Henrique também dispensa a companhia, porque o considera uma pessoa não confiável.

No que tange à posição governista, se antes não havia intenção de aliança política, mas era possível vislumbrar uma disposição ao diálogo, depois do "não rouba, mas deixa roubar", nem isso existe mais.